

WALL STREET NÃO É KRAKATOA!

José de Arimathéia Cordeiro Custódio¹

RESUMO

Cada vez que o mercado financeiro enfrenta os problemas causados pelas contradições de sua própria estrutura de funcionamento, a imprensa faz soar um alarme análogo ao de furacões ou terremotos. Há uma tendência em noticiar os fatos ligados ao mercado financeiro como se fossem fenômenos naturais, notadamente os atmosféricos e os sísmicos. As palavras escolhidas para descrever tais acontecimentos não pertencem ao discurso da Economia, mas da Meteorologia e da Sismografia – devidamente “traduzidas” para o público leigo, naturalmente. Sem dúvida, há uma ideologia subjacente que procura convencer este público de que o mercado financeiro é algo tão natural quanto uma tempestade ou um terremoto. Mas não é.

PALAVRAS-CHAVES: *mercado financeiro; imprensa; fenômenos naturais; discurso.*

INTRODUÇÃO

Por que toda vez que lemos sobre problemas no mercado financeiro temos a impressão de que estamos diante de uma notícia de meteorologia, ou de algum desastre natural, especialmente um terremoto?

Está certo que o “eco” da Ecologia tem a mesma raiz que o “eco” da Economia. Ambos vêm de *oikos* (casa, em grego). É o mesmo radical que foi parar, transformado, em **paróquia** e **diocese**. A citação é intencional, já que é fácil pensar em sacralização do mercado e mercantilização do sagrado.

Mas não é este o objeto deste artigo. Tampouco é a apropriação do sagrado pelo discurso midiático – este está em outra edição da *Midiólogos*. Porém, nesta mesma linha, este estudo se ocupa de uma reflexão sobre a seleção lexical de notícias da área de Economia, especificamente sobre mudanças mais drásticas no cotidiano do mercado financeiro.

A semelhança com o léxico das notícias ligadas aos desastres naturais é marcante quando se publica algo sobre o mercado financeiro. Notadamente, o discurso da Economia se apropria do discurso da Meteorologia, quando equivale os

¹ Jornalista, Doutor em Estudos da Linguagem e professor universitário. Comunicador social na Universidade Estadual de Londrina.

fatos do mercado a fenômenos atmosféricos e climáticos; e também da Sismologia, quando põe em pé de igualdade um prejuízo monetário e um movimento de placas tectônicas, com todas as suas conseqüências.

Empiricamente, temos observado esta prática do jornalismo há meses, e a idéia de escrever sobre ela não é nova. No momento em que decidimos compor um *corpus* de análise, veio uma grande crise no mercado norte-americano, com o fechamento de instituições financeiras – reflexo de um quadro que vem se desenhando há bem mais tempo.

De certa forma, portanto, o *corpus* foi contemplado com uma quantidade generosa de notícias que abusaram do discurso dos fenômenos naturais. Contudo, embora possa-se argüir que se tratou de uma semana atípica no mercado mundial (mas não foi tanto assim), de maneira nenhuma contrariou a inclinação “natural” da imprensa de estabelecer uma relação entre um discurso e outro. No máximo, como dito, a imprensa foi pródiga. Ao término da semana, o impacto da crise arrefeceu, mas a referida inclinação permanece.

Enfim, recolhemos cerca de 60 (sessenta) títulos de matérias de duas agências de notícias virtuais – *Folha on Line* (seção *Dinheiro*) e *G1* (Globo) – entre os dias 15 e 19 de setembro de 2008. Não compõem a totalidade dos títulos encontrados no período, mas é preciso assinalar que há grande repetição de termos, como dos verbos “cair”, “despençar” e “desabar”, e dos substantivos “crise” e “colapso”. Nem vamos citá-los todos neste trabalho. Portanto, optamos por não enfatizar o aspecto quantitativo da incidência em foco. Ainda assim, é como se tivéssemos um título para cada duas horas dentro do lapso de tempo selecionado.

A opção pela análise de títulos tem precedentes: foi nosso objeto de estudo – embora sob enfoque diverso, ainda que lingüístico – na pesquisa de Mestrado, concluída em 2001. De *per si*, os títulos são suficientemente informativos – e muitas vezes só eles são lidos, em detrimento da matéria – para justificar uma análise.

Para dar algum fundamento teórico à reflexão, recorreremos a Mikhail Bakhtin, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, uma vez que defendemos que a seleção lexical guarda relações com a transmissão de ideologias subjacentes, discretas mas poderosas. Ao mesmo tempo, é lógico, porque debruçamos sobre o *corpus* em sua dimensão lingüística. Recorreremos, subsidiariamente, a José Luiz Fiorin, nome reconhecido da Análise do Discurso, e que também publicou uma obra de introdução ao pensamento Bakhtiniano.

IDEOLOGIA E LINGUAGEM

A escolha de Bakhtin como fundamento teórico nada tem de inusitado, especificamente a fonte selecionada. Para a autora da Introdução da obra de de Bakhtin, Marina Yaguello, “trata-se principalmente de um livro sobre as relações entre linguagem e sociedade, colocado sob o signo da dialética do signo, enquanto efeito das estruturas sociais” (BAKHTIN, 2004, p. 13). É desta relação que trata este estudo – uma relação ideológica e dialógica.

Explica-se: “não basta saber o que significa cada uma das unidades da língua que compõem esse enunciado, para apreender seu sentido. Para isso, é preciso perceber as relações dialógicas que ele mantém com outros enunciados...” (FIORIN, 2006, 23). O autor se refere especificamente ao discurso político, mas o pensamento vale para nosso estudo, pois não se trata apenas de identificar um discurso da Natureza no mercado financeiro, mas dizer o que ele está fazendo lá.

O teórico russo, como aponta a introdutora de sua obra, lembra como a comunicação está associada às relações de poder e dominação, e sentencia: “Todo signo é ideológico; a ideologia é um reflexo das estruturas sociais” (BAKHTIN, 2004, p. 15). A língua é a “expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito desta luta, servindo, ao mesmo tempo, de instrumento e de material” (BAKHTIN, 2004, p. 17).

FIORIN (2003, p. 28) explica: “a esse conjunto de idéias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens é o que comumente se chama ideologia”. Implica numa falsa consciência da realidade. Neste sentido, a ideologia está no objeto, no social, e não na consciência individual.

Já nas palavras do próprio Bakhtin, tem-se que “tudo o que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo o que ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*” (BAKHTIN, 2004, p. 31). O autor sintetiza, assim, o processo de apropriação de um discurso, através de seus signos constituintes típicos, pelo outro. No caso em tela, o econômico, que se apropria dos signos do discurso dos fenômenos naturais que causam prejuízo ao homem. Assim são as notícias de problemas no mercado financeiro: buscam fora de si um significado com o qual o leitor/ouvinte/telespectador

está acostumado, ou seja, natural. “O que faz da palavra uma palavra é sua significação” - define (BAKHTIN, 2004, p. 49).

Como o signo ideológico funciona não apenas como reflexo, mas de fato possui algum fragmento material da realidade, o empréstimo de signos de outro discurso funciona e atinge o público com o sentido que se desejou gerar. Desta maneira, mesmo quem nunca verdadeiramente passou pela experiência de um terremoto (afinal, no Brasil, não são tão comuns), consegue compreender o que é um desabamento, uma queda brusca, um abalo.

Não se trata de discutir se o redator das notícias ou dos títulos tem consciência de que está trabalhando por uma ideologia. Pois “a consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino do edifício social dos signos ideológicos” (BAKHTIN, 2004, p. 36). Ou seja, o redator apenas usa o que tem e que não lhe pertence.

Não que Bakhtin negue a participação ativa e consciente do autor do texto. Pelo contrário: estabelece-a muito bem: “Todo produto da ideologia leva consigo o sel da individualidade do seu ou dos seus membros”. Mas, ato contínuo, faz uma importante ressalva: “... mas este próprio selo é tão social quanto todas as outras particularidades e signos distintivos das manifestações ideológicas, Assim todo signo, inclusive o da individualidade, é social” (BAKHTIN, 2004, p. 59). FIORIN (2003, p. 18) segue esta orientação, ao afirmar que “há no discurso, então, o campo da manipulação consciente e o da determinação inconsciente”.

E tudo isso aparece mesmo na escolha das palavras de um mero título? Em primeiro, o título não tem nada de mero, já que muitos se informam só por ele. Além disso, Bakhtin observa que “a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados” (BAKHTIN, 2004, p. 41). Nem é o caso do texto jornalístico, muito bem consolidado.

Encaixando-se na medida bakhtiniana, o redator se serve da língua para suas necessidades enunciativas, submetendo-se às normas do idioma, atuando num contexto concreto e levando em conta o receptor para o qual se dirige - “toda transmissão, particularmente sob forma escrita, tem seu fim específico” (BAKHTIN, 2004, p. 146). E por se tratar de um discurso escrito, para ser lido, vai além: “... o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de um discussão ideológica em

grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.” (BAKHTIN, 2004, p. 123).

Em outras palavras, gera sentido. Cria ou mantém uma ideologia. Para FIORIN (2003, p. 74), “quando um enunciador comunica alguma coisa, tem em vista agir no mundo. Ao exercer seu fazer informativo, produz um sentido com a finalidade de influir sobre os outros. Deseja que o enunciatário creia no que ele lhe diz,...”.

Antes de passar à análise do *corpus*, uma nota: muitos leitores deste estudo podem pensar: “ora, mas isso é simples intertextualidade”. Como diz FIORIN (2006, p. 51), “esse termo não aparece na obra de Bakhtin”. Além disso, quando se analisa ideologias, nunca existe nada de “simples”.

ECONOMIA: CIÊNCIA NATURAL?

Quando se trata de furacões, tufões, ciclones, tornados ou as famosas “tempestades tropicais”, os meteorologistas gostam de “prever” os efeitos e conseqüências. Os ventos fortes fazem “desabar” residências e estabelecimentos comerciais. Já quando “uma nova frente fria” avança vinda do sul, a imprensa prefere falar em “queda” de temperatura. Ultimamente, não se noticia que as temperaturas caem; “despencam” (exagero, muitas vezes). E ainda, quando ocorre um terremoto, é descrito como “abalo”. Prédios “tremem”, “sacodem”, “agitam-se”. Não é incomum, horas ou dias após um tremor mais forte, haver outros, chamados “de acomodação”.

Todas estas palavras entre aspas – e outras - são livremente usadas não apenas nas notícias sobre fenômenos climatológicos ou sísmicos, mas igualmente nos “fenômenos” do mercado financeiro. A título de curiosidade, acabamos descobrindo um glossário de termos da Economia no UOL, ligado ao noticiário econômico. Porém, nem mesmo a palavra “crise” aparece lá. Contudo, como o UOL Notícias não integrou nosso *corpus*, vamos nos restringir a este. Mas vale o registro.

No dia 15 de setembro de 2008, com muitos pensamentos ainda em quatro dias antes – o aniversário de 11 de setembro de 2001 – o mercado financeiro norte-americano se tornou novamente notícia ao redor do planeta. Lehman Brothers, Merrill Lynch e AIG, instituições financeiras daquele país, anunciaram a bancarrota e provocaram uma reação em cadeia nas principais bolsas de valores do mundo – americanas, européias e asiáticas.

Não vamos entrar nas causas do acontecimento em si, mas nas palavras escolhidas para noticiá-lo.

Evidentemente, não faltou exagero. O G1, por exemplo, estampou o seguinte título: “Crise em Wall Street *abala* o mundo” (16h25). Foi digno de um fenômeno como Krakatoa – um vulcão numa ilha entre Sumatra e Java que, em agosto de 1883, explodiu e jogou fumaça a mais de 20 quilômetros de altura, além de ter sido ouvida a milhares de quilômetros, da Austrália à Turquia.

Krakatoa e Wall Street tiveram ainda outro efeito comum. O vulcão despejou tanto material na atmosfera que escureceu uma grande área por dias. O G1 anunciou uma “segunda-feira negra para Bolsas mundiais após colapso do Lehman Brothers” (19h18).

A violenta erupção do vulcão causou várias e gigantescas ondas marítimas, que encontraram ilhas e navios pelos caminhos. Igualmente, a “quebra do Lehman Brothers e crise nos EUA *afundam* Bolsas mundiais” (G1, 15/09, 19h26). Horas antes, o fenômeno já era anunciado, com ares de terror sobrenatural: “Crise nos EUA volta a *assombrar* e Bovespa *naufraga* 4%” (G1, 15/09, 11h24). As “tsunamis” de Wall Street percorreram distâncias ainda maiores do que as de Krakatoa.

Como quem ainda não entendeu direito o que houve, o G1 logo cedo (7h26) noticiou que “Bolsas *despencam* na Europa e na Ásia com crise em Wall Street” (15/09). O verbo “despencar” é muito comum. Às 7h56, os mercados asiáticos *repercutiam* o “colapso” do Lehman.

Às 8 em ponto o abalo “sísmico” foi registrado: “Wall Street é *sacudido* por Lehman e venda da Merrill Lynch”. É praxe batizar furacões, mas neste caso trata-se de assunto bem diferente.

Como todo abalo sísmico, a conseqüência foi sentida imediatamente: “Bolsas européias *desabam* entre 4% e 5%” (G1, 8h13). Poucos minutos depois, o “solo financeiro” já foi alvo das previsões dos “meteorologistas”: “Chefe do FMI antecipa uma *contração* maior do setor financeiro” (G1, 13h17).

O Brasil não escapou imune: “Bovespa *sucumbe* à crise internacional e *cai* mais de 5%” (G1, 14h45). E o “vulcão” mostrou seus efeitos na atmosfera: “Petróleo nos EUA fecha abaixo de US\$ 100 por *turbulência*” (G1, 20h39). A turbulência – termo comum para designar os chacoalhos durante um vôo – é vocábulo recorrente nas notícias de economia.

A Folha on Line não fez muito diferente no dia 15 de setembro. Às 7h46, já

havia registrado o “terremoto”: “Bolsas asiáticas fecham em queda com *abalo* em bancos de investimento nos EUA”. Reforçou o discurso às 9h50: “Crise em Lehman Brothers, Merrill Lynch e AIG *abala* mercados pelo mundo”. Conseqüências também na “temperatura” do sistema financeiro, como às 13h39: “Bolsas européias *caem* com quebra do Lehman e venda do Merrill Lynch”. É semelhante a dizer que “Temperaturas caem com chegada de frente fria...”

E o famoso dia seguinte? Hora de rescaldo, avaliação dos prejuízos, contagem de “mortos e feridos”. Na Folha on Line, às 9h44, uma primeira avaliação: “Fed agiu certo ao deixar Lehman *afundar*, dizem jornais dos EUA”. Às 10h22, outra notícia “meteorológica”: “Bovespa *desaba* 3,63% enquanto dólar *atinge* R\$ 1,84”.

Às 12h47, a fumaça do “vulcão” ainda não havia se dissipado na agência: “Com cenário *sombrio*, petróleo recua e chega a tocar US\$ 90 em NY”. Por outro lado, se as notícias falaram em afundamento e naufrágio, citaram também sobreviventes: “Mercado interno será *tábua de salvação* para momento de crise, diz Lula” (15h09). Os fenômenos atmosféricos persistem: “Fed mantém cautela diante de turbulência e segura juros de 2%” (15h14).

No G1, o mesmo discurso: “Bolsa de Seul *desaba* 6,1%” logo às 6h10 da manhã, como se fosse a temperatura. Às 6h33, “Lehman Brothers *provoca estragos* nas bolsas asiáticas”. O título é muito parecido com uma notícia de furacão caribenho. Tem o nome do furacão, a expressão comum “provoca estragos” e o objeto do prejuízo. Só que o assunto não é clima nem Natureza.

Às 9h44, o conceito de colapso: “Mercados: *colapso* do Lehman *derrubou* Bovespa ontem; dólar *subiu*” (como se fosse temperatura). Entre as 16h30 e 17 horas, mais turbulências: “Fed deixa juro inalterado apesar de *turbulência*” (16h31); e “Dólar segue *turbulência* externa e fecha em alta de 0,44%” (16h45).

Os “tremores de assentamento” continuaram: “Temor sobre queda na demanda *derruba* petróleo” (18h20) e “Incerteza sobre AIG *abala* Bolsas mundiais” (19h27). Tal incerteza foi elevada a um nível mais alto depois: “Falência da AIG seria *'catastrófica'*, diz governo dos EUA” (21h31).

O dia 17 foi mais recatado, em termos quantitativos. O maior destaque da Foha on Line veio às 9h31: “Ações *desabam* e autoridades suspendem operações das Bolsas na Rússia”. Ainda são os reflexos da segunda-feira. Mas o G1 disse mais, e especulou sobre uma “tsunami”: “Crise pode causar *onda* de venda de papéis de emergentes, diz 'FT'” (7h14).

As condições atmosféricas não melhoraram: “Bush vive um *sombrio* fim de mandato com *turbulências* econômicas”. A palavra foi repetida às 10h49: “*Turbulência* vai desvalorizar o real, diz Unctad”.

O abalo “sísmico” continuou gerando imagens de suas conseqüências: “Bolsas dos EUA *desabam* 4 por cento com temores sobre bancos” (17h28); “Mercados: Ibovespa *desaba* 6,74% e *cai* abaixo dos 46 mil pontos” (18h32); e “Wall Street *despenca* em meio a temores com bancos e AIG” (18h40).

No dia 18, a Folha on Line continuou reforçando os efeitos “de temperatura”: “Dólar *despenca* 4% nas primeiras operações e volta para R\$ 1,85” (9h25).

O G1 não fez diferente. Às 9h13, anunciou: “Mercados: crise piorou e *derrubou* Bovespa em 6,7%; dólar *subiu* forte”. Os naufrágios também continuaram: “Bolsas diversas *afundam* em meio à crise financeira global” (9h36). E ainda que negando o fato, a ministra brasileira não conseguiu fugir do discurso: “Crise financeira não é 'catástrofe', afirma Dilma” (12h55).

Desastre natural tem que ter pânico. O G1 lembrou disso às 13h40: “Bancos centrais se unem para conter o *pânico* nos mercados”. E finalmente, às 15h10, a própria ministra se contradisse, segundo a agência: “Dilma: crise é profunda e afeta todo crédito global”.

Passados quatro dias do “Krakatoa” financeiro norte-americano, a imprensa já se ocupava de outros assuntos. Mas ainda colhemos alguns bons títulos do G1. Às 9h56: “Dólar *desaba* antes de leilão de BC e com melhora global”. Cerca de uma hora mais tarde, um reforço: “Com euforia global, dólar *despenca* para 5% antes de BC” (10h54). É curioso como, mesmo com uma mudança no cenário do mercado de ações, o do dólar tem efeito contrário. É exemplo das contradições do sistema que já mencionamos. De um lado ou de outro, há desabamento: “Crise faz bancos *despenca* em ranking das melhores marcas globais” (12h39).

Passado um furacão ou terremoto, é comum as matérias jornalísticas mostrarem pessoas afetadas, perplexas e temerosas e, usando um já muito desgastado clichê, perguntar o que será dali para frente. O G1 foi nesta linha, no dia 19, às 19h38, ao noticiar: “Trabalhadores de Wall Street se perguntam se o pior já passou”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bolsas de valores não são placas tectônicas, massas de ar polares e nem mesmo formações de cúmulos-nimbos. Índices econômicos não são monitorados por termômetros, barômetros ou balões. Tratar os “desastres” financeiros como se fossem “catástrofes” naturais é, para dizer o mínimo, ideológico. Não há nada de natural no mundo dos bancos e demais instituições financeiras, por mais que as palavras utilizadas para falar deles tentem fazer acreditar. Não se pode confundir terremotos com especulações financeiras. Mas, tanto num quanto em outro caso, às vezes o Estado interfere, anunciando liberação de recursos financeiros para “resgate” ou “salvamento”. Ou, em outras palavras, para “salvar a saúde” (do sistema financeiro).

O sistema financeiro é uma criação humana, fruto de um modo de produção calcado na desigualdade e exclusão, assim como na competição nem sempre ética. Forçar ideologicamente uma analogia com a Natureza nem é novidade, pois há anos o discurso econômico se apropriou até do discurso darwinista, ao pregar que só os mais fortes ou os mais adaptados sobrevivem. Capitalismo não é Darwinismo. E o mercado financeiro não é obra de Deus.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail (Volochnov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

_____. **Linguagem e ideologia**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2003.